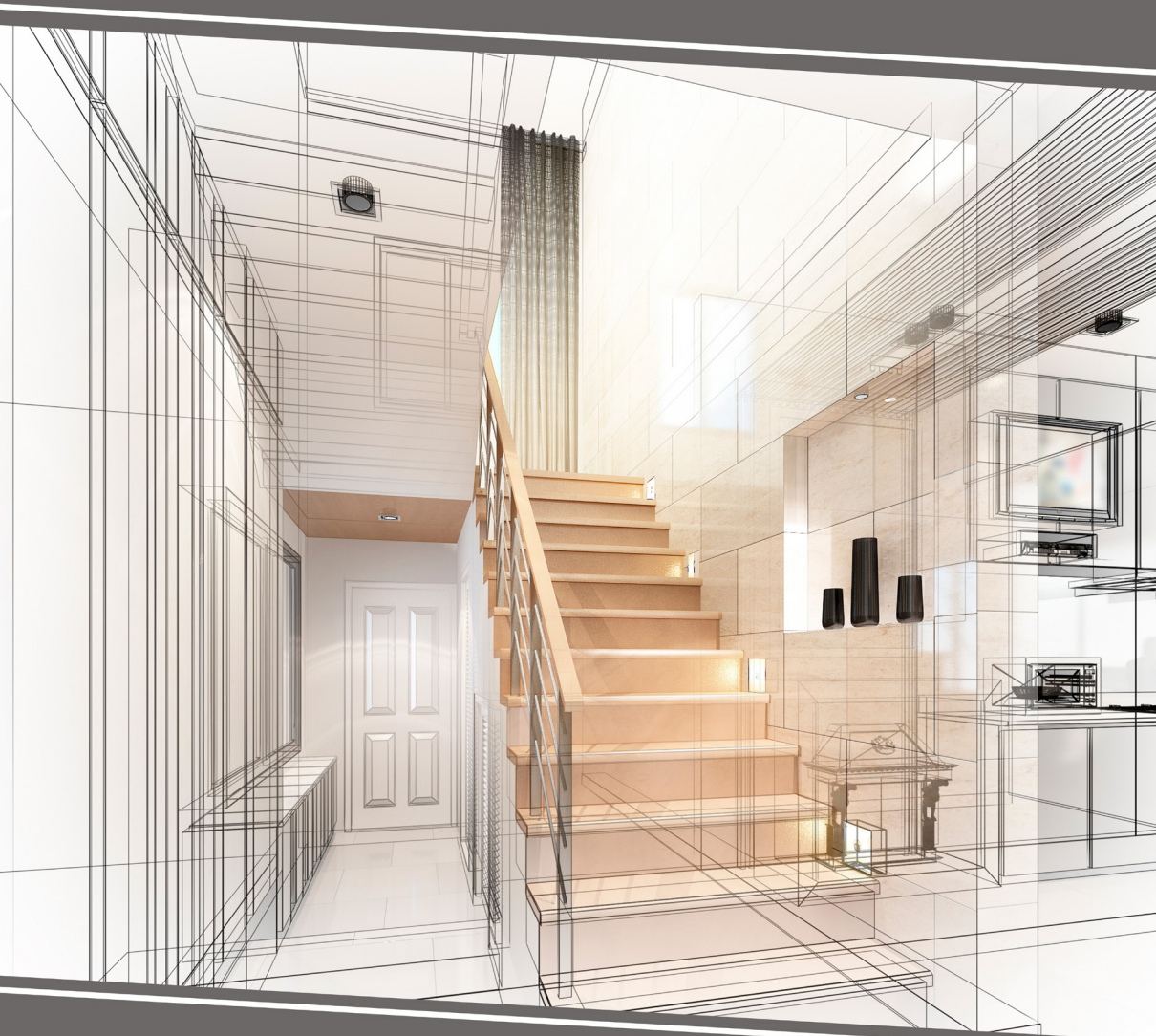


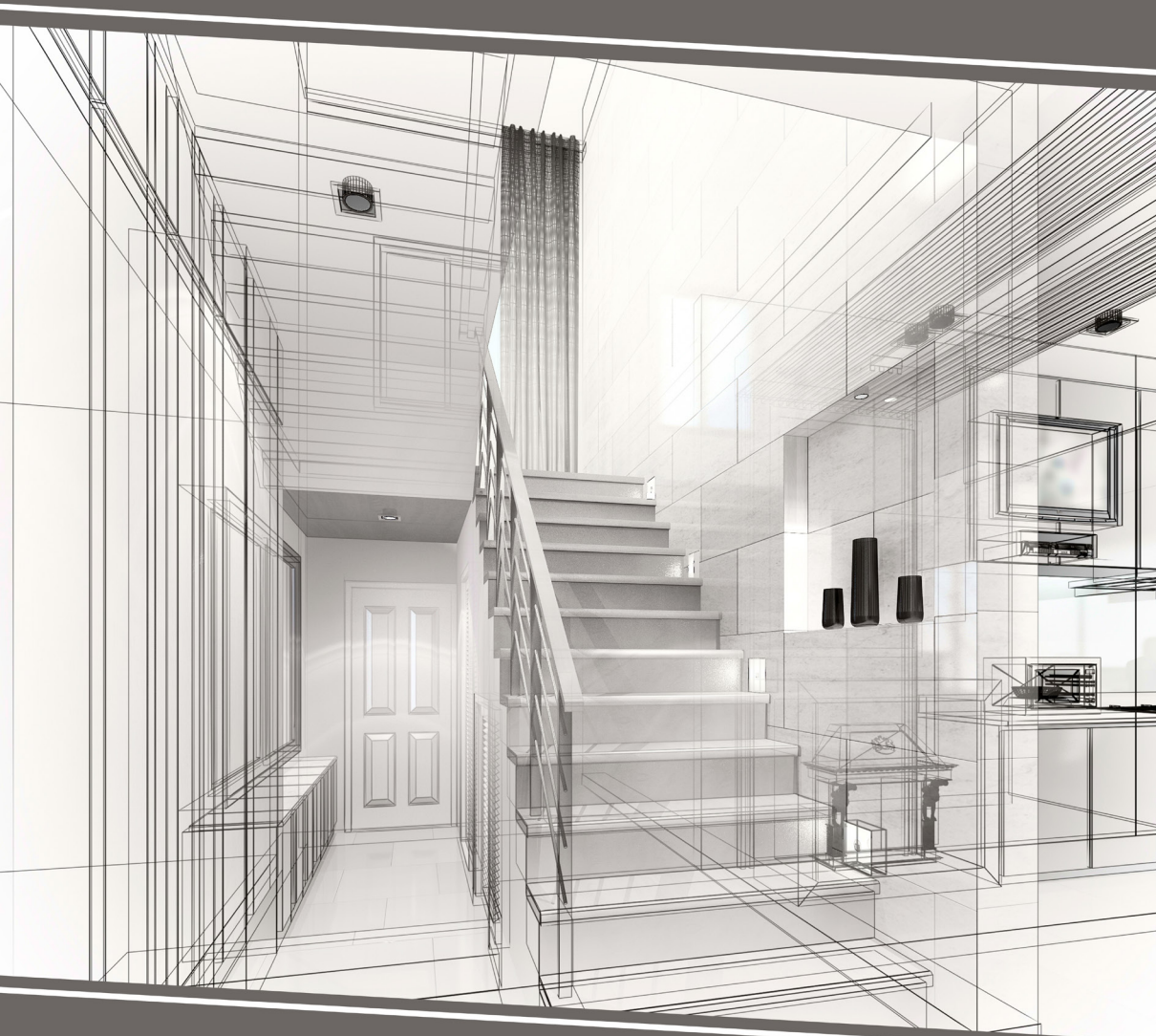
# DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS: ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN



**Jeanine Mafra Migliorini**  
(Organizadora)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS: ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN



**Jeanine Mafra Migliorini**  
(Organizadora)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federac do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adayson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Divergências e convergências: arquitetura, urbanismo e design

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Jeanine Mafrá Migliorini

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D618 Divergências e convergências: arquitetura, urbanismo e design / Organizadora Jeanine Mafrá Migliorini. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-894-6

DOI 10.22533/at.ed.946211803

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafrá (Organizadora). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

Vivemos em constante transformação, nossas verdades são testadas o tempo todo. A ciência busca as respostas para questões que surgem a cada momento e isso faz o mundo girar, modificar-se em muitos de seus aspectos. A pesquisa científica traz para o universo da arquitetura, do urbanismo e do design novas realidades, discussões teóricas que nos fazem compreender nossa produção passada e para onde estamos caminhando e as discussões acerca da prática nos oferecem novas propostas para a concretização de projetos e planos.

Este livro discute várias dessas questões, oportunizando reflexões que iniciam com a prática docente, o uso de mapas conceituais nas disciplinas de ateliê das faculdades, assim como a neurociência sendo aplicada à essas disciplinas. Pensando ainda na educação aborda-se a educação patrimonial, seguindo pelo tema do patrimônio os artigos tratam de festas tradicionais, os complexos industriais e a arquitetura de uma edificação que abriga um museu.

Trazendo as discussões para questões atuais surge a preocupação com a arquitetura e a urbanização, em tempos de programas sociais que incentivam a construção de habitações de interesse social e seu impacto nas cidades, a análise de mobilidade urbana e as identidades desse urbano.

Os artigos apresentam a sustentabilidade tanto na escala do urbano quanto nas edificações e passa às análises de nossas construções, dentro de sua funcionalidade e de satisfação dos usuários dos espaços. Aborda-se na sequência o processo de projeto e como ele acontece no contexto atual. A arquitetura de Daniel Libeskind é o tema do próximo artigo e finaliza com uma discussão extremamente atual, pertinente e necessária que é a atuação de negros e mulheres no campo da arquitetura e urbanismo.

Os temas são tão variados como é nossa realidade, complexa e diversificada. Esses artigos despertam o interesse para compreender essas constantes transformações vividas cotidianamente.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **MAPAS CONCEITUAIS: COMO DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA METODOLOGIA PROJETUAL**

Carlos Ademar Monteiro Duarte Filho

Emanuela Cristina Montoni da Silva

Flaviana Nogueira de Lima

Luiz Felipe Oliveira Luna de Farias

Tacyana Cinthya Matos Batista

Vinicius José Lopes Cursino

Victoria Kamille de Castro Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.9462118031**

### **CAPÍTULO 2..... 10**

#### **DESIGN, NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: CENÁRIOS INOVADORES NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE PROJETO**

Raíssa da Silva Borges

Rosana Silva Vieira Sbruzzi

**DOI 10.22533/at.ed.9462118032**

### **CAPÍTULO 3..... 34**

#### **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO PARA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: O CASO DO MONUMENTO DA BALAIADA EM CAXIAS-MA**

Neuza Brito de Arêa Leão Melo

Walber Angeline da Silva Neto

Gabriela Jordâna Lima Mota

Ana Karine Lima Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.9462118033**

### **CAPÍTULO 4..... 43**

#### **A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO COMO AMÁLGAMA DA PRODUÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CÓRREGO DAS PEDRAS NO MUNICÍPIO DE TANGARÁ DA SERRA (MT)**

José Pereira Filho

**DOI 10.22533/at.ed.9462118034**

### **CAPÍTULO 5..... 57**

#### **COMPLEXO INDUSTRIAL E PORTUÁRIO DO AÇU: POTENCIALIDADES E DESAFIOS**

Irene Aguiar de Oliveira

Felipe Machado de Castro

José Luís Vianna da Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.9462118035**

### **CAPÍTULO 6..... 69**

#### **MUSEU DOM DIOGO DE SOUZA: INTERPRETAÇÃO ARQUITETÔNICA**

Pyetro Brum Ilha

Magali Nocchi Collares Gonçalves

**DOI 10.22533/at.ed.9462118036**

**CAPÍTULO 7..... 72**

**HABITAÇÃO, URBANIZAÇÃO E DESURBANIZAÇÃO: COMO SERÃO AS CIDADES BRASILEIRAS PÓS MCMV?**

Danielle Costa Guimarães

Angela Maria Gordilho Souza

**DOI 10.22533/at.ed.9462118037**

**CAPÍTULO 8..... 79**

**MOBILIDADE URBANA: UMA ANÁLISE NOS PLANOS DIRETORES DE GOIÂNIA**

Luana Chaves Vilarinho

**DOI 10.22533/at.ed.9462118038**

**CAPÍTULO 9..... 94**

**CIDADE: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Elisabete B. Castanheira

**DOI 10.22533/at.ed.9462118039**

**CAPÍTULO 10..... 113**

**SUSTENTABILIDADE NA CIDADE: DA RESILIÊNCIA URBANA AO LIXO ZERO**

Emília Wanda Rutkowski

Thalita dos Santos Dalbello

**DOI 10.22533/at.ed.94621180310**

**CAPÍTULO 11..... 127**

**A ARQUITETURA SUSTENTÁVEL NO AMBIENTE CONSTRUÍDO: UMA ANÁLISE DA OBRA DE CARLA JUAÇABA**

Pyetro Brum Ilha

Magali Nocchi Collares Gonçalves

**DOI 10.22533/at.ed.94621180311**

**CAPÍTULO 12..... 133**

**AVALIAÇÃO DA FUNCIONALIDADE ARQUITETÔNICA EM HABITAÇÕES DE DIMENSÕES REDUZIDAS DE FLORIANÓPOLIS**

Cláudia Queiroz de Vasconcelos

Fernando Barth

Lisiane Ilha Librelotto

**DOI 10.22533/at.ed.94621180312**

**CAPÍTULO 13..... 145**

**APRECIÇÃO DA BIBLIOTECA DOM MARCOS A. NORONHA AO PARECER DA SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS**

Thayná Moreira Silva

Ana Cláudia Souza Almeida Dias

**DOI 10.22533/at.ed.94621180313**



<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>150</b>
DESAFIOS PARA ABORDAGENS BASEADAS EM PROJETO: PROJETISTAS COMO FACILITADORES NO PROJETO PARTICIPATIVO	
Gil Garcia de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94621180314</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>160</b>
A DESCONSTRUÇÃO DA FORMA POR DANIEL LIBESKIND	
Marco Aurélio Gimenes de Oliveira	
Tháís Pichioni Pellozo	
Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94621180315</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>178</b>
NEGROS E MULHERES NA ARQUITETURA E URBANISMO	
Franciely Ferreira Cruz	
Giselly Barros Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94621180316</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA .....</b>	<b>192</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>193</b>

# CAPÍTULO 9

## CIDADE: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

*Data de aceite: 01/03/2021*

**Elisabete B. Castanheira**

professora/pesquisadora/ Estácio/ UNISA  
<http://lattes.cnpq.br/7440090624630380>

**RESUMO:** Um dos paradoxos que a cidade abriga, segundo Lynch (2011), é o fato de o habitante ser ao mesmo tempo ator e observador “desse espetáculo”. A ideia de fragmentação progressiva da memória urbana (nas palavras de Koolhaas, 2010) atribui uma qualidade de assepsia aos centros urbanos, fruto de uma urgência construtiva que acaba por desconstruir a identidade local e cuja organicidade define o âmbito de discussão deste trabalho. A narrativa do presente artigo busca referencial teórico nos autores que discutem a apropriação da cidade a partir da base, para refletir sobre a proliferação das iniciativas *Bottom Up* na cidade de São Paulo. O artigo, em sua parte inicial, contempla um recorte do pensamento contemporâneo sobre o direito a cidade, o comportamento emergente e a construção de lugares que reflitam e legitimem o valor identitário. Na sequência, o trabalho apresenta iniciativas de apropriação urbana no centro de São Paulo e, como conclusão, uma reflexão sobre a cidade, cuja qualidade experimental de um laboratório faz dela um espaço próprio (e propício) para a criação e articulação de ideias a partir da iniciativa cidadã.

**PALAVRAS - CHAVE:** Práticas Criativas, Urbanismo Tático, Iniciativas Bottom Up, Inovação Não Tecnológica, Inovação Social.

**ABSTRACT:** One of the city's paradoxes, according to Lynch (2001), is the fact that the inhabitant can be, at the same time, the actor and observer of "this performance". The progressive fragmentation of urban memory (in Koolhaas's words, 2010) grants an aseptic characteristic to urban centers, result of having an urgency to build buildings. This urgency deconstructs local identity, which in turn defines the discussion scope included in this article. The narrative developed hereby anchors in a few authors' ideas for theoretic reference. It discusses city appropriation as a root concept, in order to reach the subject of Bottom Up initiatives proliferation, taking place in the city of São Paulo's bounds. The article initially delineates a contemporary framework of thought. Then, it dives into the discussion about having the right to experience the city—an emerging behavior—and also to build places which reflect on, and vouch for, identity value. Subsequently, this work presents a few urban appropriation initiatives inside São Paulo's city center. The work's conclusion is a reflection upon the city, seeing that it functions almost like a lab, experimentally. The city quintessentially favors the creation and articulation of multiple ideas. People's initiatives precisely trigger that starting point.

**KEYWORDS:** Creative Practices, Tactical Urbanism, Bottom Up Initiatives, Non-Technological Innovation, Social Innovation.

### INTRODUÇÃO

Para Lefebvre (década de 1960) o urbano e a cidade se distinguem na medida em que o

primeiro se refere a congregação social enquanto o segundo abrange uma determinada área na qual inserem-se posições e orientações distintas. O primeiro traduz a centralidade e o segundo, se transforma ao longo da história por força da ação mercantilista.

Jacobs, também na década de 1960, refere que para uma ampla compreensão das cidades seria necessário entender um fenômeno, que na perspectiva da autora seria essencial, e que dizia do mix possível dos usos que a cidade abriga (e do produto daí resultante) e não apenas da justaposição destes usos onde não há interação, mas, sim, apenas práticas dispersas.

Na impossibilidade de entender a cidade como um ser fruto da diversidade, esta passa, a não mais constituir um espaço vivido, mas, antes, um espaço de transição: seja a transição da casa para o trabalho, da casa para a escola, entre tantos outros trajetos possíveis.

Essa infinidade de rotas traçadas, que acontece no nível zero, abriga os praticantes ordinários da cidade cujas impossibilidades visuais efetivam a mobilidade opaca e cega da cidade habitada, como refere Certeau (1998).

Para o autor é no rés-do-chão que os passos da pressa moldam espaços e tecem lugares que efetivam a cidade por meio de um processo de apropriação do sistema topográfico e da realização espacial do lugar, implicando, segundo o autor, no estabelecimento de contratos pragmáticos sob a forma de movimentos (CASTANHEIRA, 2015 p.83).

A cidade em sua essência, comporta a qualidade de um laboratório, o que faz dela um espaço próprio (e propício) para a criação e articulação de ideias a partir da iniciativa cidadã, como refere Rosa (2011). Aqui, segundo o autor, as novas conexões e redes estratégicas focam processos locais abertos a táticas *Bottom Up* (de baixo para cima) que acabam por constituir novas formas de pensar a cidade demandando um planejamento capaz de absorver o que emerge e o que é gerado pelos meios urbanos.

Transitando do geral para o específico, é possível dizer que no Brasil, a urgência construtiva do regime militar visou, por duas décadas (entre 1964 e 1985), aumentar a oferta viária e assim, por meio da grandiosidade destas e outras construções, traduzir a era do progresso. Nesse contexto, a interação do cidadão com a cidade se transformou, promovendo uma relação de distanciamento e estranheza. Os edifícios-clubes, murados, que se apartam da cidade e isolam o habitante, aliados a proliferação de espaços de convívios que abarcam lazer, cultura e interação por meio de redutos de alimentação e comércio homogêneos constituem a cidade contemporânea. Neste espaço o habitante com menos recursos é excluído para bairros novos, periféricos e despidos de toda e qualquer infra estrutura, enquanto a centralidade abonada, se quer cada vez mais asséptica e renovada.

Neste contexto, nos tempos mais recentes, a centralidade de São Paulo vê emergir um movimento onde o cidadão busca resgatar a relação com a cidade, não só na tentativa

de se reposicionar enquanto conteúdo frente a imensidão do continente urbano paulistano e de toda a sua complexidade, mas, também, assumindo para a si a quota parte de responsabilidade na construção da urbanidade.

## OBJETIVOS

Como objetivo geral, a investigação em curso, procura conhecer o processo contemporâneo de urbanismo tático.

E, como objetivos específicos, procurar conhecer:

- O processo de ocupação do espaço público e ações de microplanejamentos;
- As reverberações da prática do urbanismo tático no entorno imediato;
- O papel interpretado pelos agentes mobilizadores desta atitude de cidadania e o protagonismo cidadão que daí advém.

## METODOLOGIA

O método de escrita procura identificar um referencial teórico no qual se aborda o público e o privado, o direito a cidade, o lugar enquanto valor identitário e a espetacularização da cidade para então, chegar aos movimentos *bottom up* e a emergência dos comportamentos, por meio de estudos de caso de ações cidadãs de intervenção urbana (circunscritas ao âmbito do chamado centro expandido da cidade de São Paulo - região oeste).

## 1 | CIDADE, COMPORTAMENTO E CONSTRUÇÃO

A revolução industrial alterou a configuração da ocupação urbana ao longo do século XIX e, no caso do Brasil, atravessou o século XX, concentrando 80% dos habitantes do país nas cidades, o que acentuou, como refere Somekh (2008), uma configuração espacial de desigualdade e exclusão.

Nesse panorama de alterações sociais, está o projeto urbano, que em contraposição ao novo urbanismo (ASCHER, 1995) projeta soluções transversais homogêneas, sem ter em conta as especificidades e necessidades locais, numa prática inflexível e apartada do contexto. Esse novo urbanismo, primeiramente, entende a construção do urbano de forma híbrida: público e privado interagem procurando atuar de forma conjunta levando em consideração a flexibilização necessária da sociedade contemporânea, cada vez mais dinâmica e polifônica. Nos princípios traçados por Ascher (1995) é recorrente a menção da incerteza e da necessidade, diante do que é indeterminado, de uma profunda reflexão que antecede o projeto que, mais do que desígnio e desenho (BENNATI ALVIM, SGUIZZARDI ABASCAL E SAYÃO DE MORAES, 2001)

se transforma em “ferramenta de análise e instrumento de negociação”. Há um quê de exploratório na visão de Ascher (1995): atores públicos e privados devem procurar as modalidades de realização dos objetivos da forma mais eficiente para a coletividade e para o conjunto dos intervenientes que, efetivamente, requer novos tipos de formulação dos projetos e das regulamentações. Recorrente também é a questão da diversidade funcional urbana e da polivalência dos equipamentos que, por si só, convergem para a necessária flexibilização e adaptação às necessidades de uma sociedade plural que está na base das premissas do autor.

Tratar do urbano, implica necessariamente refletir o público e o privado enquanto justaposições de uma construção e convivência que materializam a cidade.

Em contraposição ao que está murado, inacessível, a propriedade privada, está o público e que para Arendt (1958) contempla dois aspectos: o da visibilidade e o do próprio mundo. O primeiro relaciona-se com exposição irrestrita, com a exuberância do que é exterior, do que é passível de ser observado e admirado (ou odiado) e, neste sentido, com a própria realidade, que nas palavras da autora se resume àquilo que é visto (e, eventualmente ouvido) por todos. O segundo, que está vinculado ao mundo, na perspectiva da filósofa,

Não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto das mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se sentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens. (ARENDE, 1958 p. 62)

Esse compartilhamento, que para a autora constitui a esfera pública, contém um paradoxo: se por um lado é o responsável pela coexistência dos habitantes da cidade, é, por outro, aquilo que evita a recorrência de uma colisão intermitente.

Tratar do público e do privado, por sua vez, levanta outras questões: a primeira delas remete à morte do espaço público e a segunda ao novo espaço público. Para Sobarzo (2006) não cabe decretar a morte do espaço tornado público. Este vocábulo carrega antes, uma carga tal de transformação que, nas palavras do autor, remete efetivamente ao que aparentemente popular, é na verdade, semipúblico ou pseudopúblico. Nega a sua condição de *Publicus* (relativo ao povo) para se fechar sobre si mesmo, dando serventia a grupos seletos e escolhidos. Para o autor são muitas vezes caricaturas da vida social, negando ou ocultando as diferenças e os conflitos, tornando a sociabilidade mais “clean” e, em último termo, negando-a, como se de um cenário se tratasse. Apesar da constatação, o autor segue preferindo referir a metamorfose que acometeu o espaço público ou, de outra forma, a análise correria o risco de se tornar tênue e ligeira. A cidade enquanto cenário de uma urbanidade ideal é o que Jacques (2011) denomina de cidade-espetáculo, cuja “ausência,



cada vez maior, de interação entre o usuário e a cidade” (CASTANHEIRA, 2015, p. 43) caracteriza um falso ordenamento pretensamente securitário.

As relações entre espaço público e imagens da cidade contemporânea hoje passam inevitavelmente pelo já citado processo de espetacularização, que é um dos maiores responsáveis tanto pelo empobrecimento das experiências corporais no espaço público contemporâneo quanto pela negação dos conflitos e dissensos nesses espaços e, sobretudo, pela negação, eliminação ou ocultação da vitalidade dos espaços opacos das cidades, as quais também buscam tornar-se mais luminosas, midiáticas e espetaculares. (JACQUES *apud* Rosa, 2011 p. 162)

Tal relação, embora mediada pela força intrínseca do negócio (em contraposição ao ócio) contempla, sem dúvida alguma, as relações sociais, os hábitos e as atitudes da população que bordam o urbano de peculiaridades constituindo a respectiva identidade local e, faz relato, segundo Harvey (2012), do fato da luta pelo direito a cidade ser diretamente proporcional à luta contra o capital.

Para Lefebvre seria preciso encarar (considerando a escrita do texto no final da década de 1970) o perecimento da cidade enquanto território amistoso e de interação face ao fato que o “velho humanismo clássico acabou sua carreira há muito tempo, e acabou mal. Está morto.” (1968, p. 107). Além de ser impossível fazer ressurgir o velho humanismo que, segundo o autor, “encontrou a morte nas guerras mundiais” e nas excessivas demandas pós conflitos, é necessário pensar a “a construção de uma nova cidade, sobre novas bases, numa outra escala, em outras condições, numa outra sociedade (LEFEBVRE, 1968, p. 107). Nem retorno (para a cidade tradicional), nem fuga para a frente, para a aglomeração colossal e informe - esta é a prescrição” (LEFEBVRE, 1968 p. 106)

Diametralmente oposta está a ideia de um “homem novo” que seria, segundo o autor (1968 p. 107), resultado da lógica industrial, enquanto “obra e não produto” e mais importante ainda, a “superação simultânea do velho animal social e do homem da cidade antiga, o animal urbano, na direção do homem urbano, polivalente, polissensorial, capaz de relações complexas e transparentes com o mundo”, mas, que afinal, ficou aquém das expectativas depositadas (1968 p. 107)

O subsistema de significações do habitante<sup>1</sup>, de Lefebvre (1968 p. 110), “diz de suas passividades e de suas atividades” e que, ante a prática, se transforma. Converge para o que em Certeau (1998) recebe a denominação de cidade-conceito cuja tessitura permite a ocorrência de transformações.

---

1 No texto O Direito à Cidade, o autor refere a necessidade de uma transformação das “démarches e dos instrumentos intelectuais”, em um exercício de reorganização desse instrumental, a saber: a transdução (“que elabora e constrói um objeto teórico a partir de informações que incidem sobre a realidade”); a utopia experimental (“a utopia deve ser considerada experimentalmente, estudando-se na prática suas implicações e consequências.”) e por fim, os três conceitos fundamentais: a estrutura, a função e a forma, além do sistema (ou antes o subsistema) de significações. (Lefebvre, 1968 p. 110)

A cidade-panorama a que Certeau (1998) se refere como sendo resultado de uma remota observação, platonicamente empreendida do alto de um edifício, se contrapõe ao embaixo, ao *down*, onde estão confinados os praticantes ordinários da cidade cujas impossibilidades visuais efetivam a mobilidade opaca e cega da cidade habitada. É no rés-do-chão que os passos da pressa moldam espaços e tecem lugares que efetivam a cidade por meio de um processo de apropriação do sistema topográfico e da realização espacial do lugar, implicando, segundo o autor, em contratos pragmáticos sob a forma de movimentos (CASTANHEIRA, 2015, p. 84)

Certeau (1998), ante a constatação (ou sentença) que a cidade-conceito se degrada, refuta a imobilidade e propõe um novo caminho de análise: de escala mínima, incontido, ilegítimo e talvez por isto, mais pulsante. São resultantes de redes de vigilância e organização observadora o que faz deduzir, não só autonomia, como também, auto responsabilização.

Sartre (1967, p. 136) chama a atenção para o fato de que as ciências do homem não se interrogam sobre o homem, mas, antes pelo emaranhado constituído pelo desenvolvimento e pelas relações dos fatos humanos. Para o autor, o homem, enquanto agente do inextricável, não se constitui objeto de pesquisa. Aqui, o que se pretende é que seja revelada a complexidade das relações funcionais, dos “processos”.

A elaboração dessa complexidade, que constitui o indivíduo, é influenciada pelo contexto - pelas condições materiais. É, pois, perfeitamente exato que o homem é produto de seu produto: as estruturas de uma sociedade que se criou pelo trabalho humano definem para cada um uma situação objetiva de partida: a verdade de um homem é a natureza de seu trabalho e é seu salário. (SARTRE, 1967, p. 17)

Por outro lado, no entanto, não a resume, pois, é a interação com a realidade social que transforma, que materializa a existência *per si*. Não são as ideias que modificam os homens, não basta conhecer uma paixão pela sua causa para suprimi-la, é preciso vivê-la, opor-lhe outras paixões, combatê-la com tenacidade, enfim, trabalhar-se. (SARTRE, 1967, p. 17)

São as escolhas feitas pelo homem que constituem a sua essência e que são posteriores a sua existência. Primeiro o homem existe, depois o homem é.

E como o indivíduo passa da existência à essência?

### **Por meio da liberdade**

Segundo Wambier (2003), muito embora primeiramente seja considerada uma fatalidade, para Sartre, essa liberdade surge (posteriormente) como uma oportunidade, a partir do momento em que conceitos marxistas passam a habitar o Existencialismo: Nesta fase, Sartre (1967) incorpora categorias marxianas importantes, tais como: trabalho, práxis, alienação, reificação, fetichismo e razão dialética e, afirma, que tais categorias reenviam ao existencialismo. (WAMBIER, 2003, p. 47)

Em Sartre (1967) a liberdade de escolha é uma condição, ao mesmo tempo, em que,

quando determina uma exclusão, materializa uma responsabilidade, inequivocamente, assumida. Para o mesmo autor, essa liberdade que exige tomada de decisões, instala a angústia.

Esta provação faz o homem tornar-se projeto. Desígnio, intenção, design.

Para Dhein (2013), significa dizer que o homem é um livre projeto de constituição de si mesmo que não cessa de tentar se completar.

Sua noção de Projeto nos ensina que é a liberdade que somos que nos condena a escolhermos a cada momento o modo como a indeterminação do existir estará em questão para nós. É, pois, projetando-nos que atribuímos um sentido ao mundo e à nossa própria existência (DHEIN, 2013, p.3).

A mutabilidade dessa liberdade, que altera a condição existencial do indivíduo, por sua vez, altera a configuração do todo. É do particular para o coletivo e vice-versa. É o método (que todo o projeto pressupõe) e que Sartre (1967) propõe como uma compreensão totalizadora do indivíduo: fato e contexto histórico-social.

## 1.1 Cidade: emergência, comportamento e ativismo

A cidade, é claro, envolve muito mais do que as relações econômicas que nela se desenrolam. Unem-se a elas as relações sociais, a cultura local, os hábitos e atitudes da população, aquelas peculiaridades que fazem um espaço ser diferente de outro e se constituem como princípio vital da cidade.

Jacobs, na década de 1960, refere que para uma ampla compreensão das cidades seria necessário entender um fenômeno, que na perspectiva da autora seria essencial, e que dizia do mix possível dos usos que a cidade abriga (e do produto daí resultante) e não apenas da justaposição destes usos onde não há interação, mas, sim, apenas práticas dispersas.

Na construção do espaço urbano contemporâneo, onde cada vez mais se aparta o habitante em função da riqueza, as centralidades se consolidam como áreas que oferecem abundante infraestrutura urbana em contraponto às bordas da cidade, cuja distância radial aumenta de maneira inversamente proporcional ao custo do metro quadrado das construções, cuja essência periférica dos bairros novos se traduz na ausência de serviços e equipamentos básicos.

Por outro lado, nas centralidades é possível perceber a crescente presença de construções excessivamente muradas, que fechadas sobre si mesmas, assumem o compromisso da segurança e a oferta de uma vida ideal ou fictícia. Este ambiente urbano fausto remete ao que, em Jacques (*apud* Rosa, 2013), recebe a denominação de espetacularização da cidade.

O conceito surge a partir da ideia de assepsia urbana, que, despida do seu ritmo natural, acaba por compor uma dinâmica que não traduz a cidade, se transformando em um cenário apenas. Em algo para ser visto e não vivido. (CASTANHEIRA, 2015, p. 42)

Entre a ideia de um habitar cênico (ainda que paramentado com tudo o que é necessário) e um outro habitar, que desprovido de todos os componentes básicos se consolida como exíguo e apartado, emerge um propósito de participação na construção da cidade.

Este que, para Johnson (2001), determina um comportamento emergente (e complexo), se caracteriza por ser um sistema com múltiplos agentes interagindo dinamicamente de diversas formas, a partir de complexas interações paralelas entre agentes locais, seguindo regras locais e não percebendo qualquer instrução de nível mais alto. Este comportamento se efetiva verdadeiramente emergente (na confluência entre ordem e anarquia), quando todas as interações locais resultam em algum tipo de macro comportamento observável. No conceito de comportamentos emergentes, Johnson (2002) faz referência a Morfogênese, conceito de Allan Turing (1954) e que contempla a reflexão sobre como a partir de algo muito simples é possível atingir um estágio de complexidade e sofisticação. (CASTANHEIRA, 2015 p. 23)

Os processos coletivos e colaborativos buscam, por meio da organização na escala do habitante da cidade, a articulação não só da solução de problemas, mas, também, da proposição de ações sociais e artísticas.

As práticas urbanas coletivas buscam por novas ferramentas capazes de lidar com estas realidades urbanas emergentes. Desta “cidade real”, fruto da experimentação, como refere Rosa (2013), emerge “um espaço construído” que necessita ser revelado, descoberto, explorado. Para o autor, esta emergência criativa se constitui como resposta “à desertificação de espaços coletivos de qualidade”. A manualidade das ações diz de sua escala: micro. A urgência na resolução dessas ações diz de sua temporalidade: agora. É um repertório gestual, onde cada um deles (o gesto) efetiva este formato de intervenção e marca a localidade e a sua identidade. (CASTANHEIRA, 2015 p. 31)

Na perspectiva de Leite (2012) as melhores cidades são aquelas que continuamente sabem se renovar, funcionando similarmente a um organismo (quando adoecem, se curam, mudam). (LEITE, 2012 p. 14).

## 1.2 São Paulo: lugar construído

A maior cidade do Brasil, São Paulo, é a capital econômica do país (e da América do Sul) e uma das mais desenvolvidas e influentes na América Latina, ranqueada entre 50 metrópoles globais.<sup>2</sup> Os 12,038 milhões de habitantes (que segundo o IBGE<sup>3</sup>, deverá atingir os 12,242 milhões em 2030) disputam a cidade, diariamente, com automóveis particulares, caminhões, táxis, entre outros.

<sup>2</sup> Em 2014, segundo estudo da Civil Service College de Cingapura e a Chapman University. Fonte <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140819\\_cidade\\_influente\\_saopaulo\\_hb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140819_cidade_influente_saopaulo_hb)>. Acesso: 9 out. 2016.

<sup>3</sup> Fonte IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=355030>>. Acesso: 4 out. 2016.

Única representante brasileira no ranking das cidades mundiais a ter maior crescimento absoluto do PIB - Produto Interno Bruto - até 2030, segundo o estudo realizado pela Oxford Economics<sup>4</sup>, o índice de São Paulo passará de US\$ 418 bilhões em 2013 para US\$ 753 bilhões em 2030.

As megacidades, cujos maiores desafios contemplam a mobilidade, a habitação, as questões ambientais, a inclusão social, a governança e as oportunidades, incluindo aquelas oriundas dos territórios informais, segundo Leite (2011)<sup>5</sup> concentram também os déficits destas demandas: ausência de infraestrutura adequada, altos índices de gastos energéticos, emissão de poluentes, trânsito, tempo de deslocamentos, entre tantos outros.

É nesse território que coexiste a polarização dos deslocamentos: moradores diametralmente distantes dos seus locais de trabalho e que dizimam, em seus trajetos diários, segundo os estudos mais recentes, aproximadamente 3 horas, em média.<sup>6</sup>

Para Arendt (1958), o entendimento contemporâneo do binômio público/privado está vinculado a posse ou não da propriedade, portanto, diretamente proporcional a obtenção de riqueza.

Esta falha de interpretação é tão mais importuna quanto ambas, a propriedade e a riqueza, são historicamente de maior relevância para a esfera pública que qualquer outra questão ou preocupação privada, e desempenharam, pelos menos formalmente, mais ou menos o mesmo papel como principal condição para a admissão do indivíduo à esfera pública e à plena cidadania. (ARENDR, 1958 p. 62)

A demarcação territorial em São Paulo expropria o cidadão. O carro tem a preferência e disputa espaço com o transporte público. Na contra mão desta realidade surge a bicicleta por meio do ativismo, mas, também, por conta de sua inclusão na versão do mais recente Plano Diretor<sup>7</sup> da cidade de São Paulo.

Surgem igualmente novas formas de pensar a cidade e a sua ocupação a partir da base, das iniciativas *Bottom Up*, quase como uma resposta a crescente oferta (e frequência) de equipamentos urbanos assépticos. Hoje, em São Paulo, a face visível de apropriações dessa natureza é o centro da cidade.

O bairro de Pinheiros, em São Paulo, uma vila indígena tornada núcleo urbano<sup>8</sup>, teve no seu largo, a configuração ideal para a instalação do Mercado dos Caipiras, nos idos de 1910. Cerca de uma década depois, o local começaria a ser conhecido como o largo da

4 Fonte Oxford Economics -Universidade de Oxford. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/as-15-cidades-que-vao-crescer-mais-ate-2030-incluindo-sp>>. Acesso: 9 out. 2016.

5 Leite, C. Sustainable Megacity Visions from São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/6062-24977-1-PB.pdf>. Acesso: 9 out. 2016.

6 Fonte Rede Nossa São Paulo. Disponível em: <<http://www.nossasaopaulo.org.br/pesquisas/apresentacao-pesquisa-dmsc-2016.pdf?v=4>> Acesso em: 6 out. 2016.

7 Fonte Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo -Lei 16.050 de 31 de julho de 2014. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/2014-07-31\\_-\\_lei\\_16050\\_-\\_plano\\_diretor\\_estratgico\\_1428507821.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/2014-07-31_-_lei_16050_-_plano_diretor_estratgico_1428507821.pdf)> Acesso: 9 out. 2016.

8 <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1327964-depois-de-11-anos-largo-da-batata-fica-pronto-em-dezembro.shtml>



Batata, em virtude de reunir os produtores da Cooperativa Agrícola de Cotia para a venda dos tubérculos. O Mercado dos Caipiras, já sexagenário, na década de 1970, ganha casa própria, o Mercado de Pinheiros, e deixa o Largo da Batata. O largo, no entanto, continua de Pinheiros e da Batata. Abriga agora uma quantidade incomensurável de transporte coletivo e fluxo automóvel e de pedestre. A posição privilegiada faz do largo um ponto de articulação viária, cuja ampliação é prevista em 1995, na Operação Faria Lima<sup>9</sup> que tem, entre outros objetivos, a melhoria da qualidade de vida dos moradores e da paisagem urbana. O período de dez que durou a obra gerou uma expectativa não correspondida na entrega do produto.

O projeto contemplou o alargamento das avenidas e a delimitação de uma enorme área vizinha a uma igreja, uma estação de metrô e ao comércio que resistiu à desapropriação e ao interlúdio da operação urbana. A requalificação, no entanto, resultou em profusão de pavimentação e ausência de qualquer mobiliário urbano ou vegetação. A imensa área (notadamente vocacionada para a implantação de uma praça), antes ocupada por intensa atividade comercial, materializa agora, a aridez de um lugar de passagem. Quase um não-lugar. (CASTANHEIRA, 2015, p. 35).

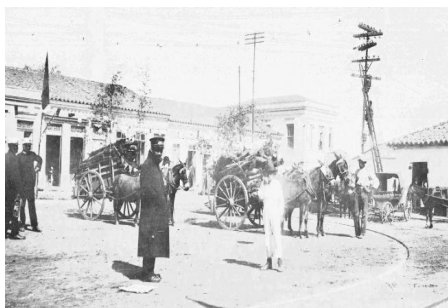


Figura 1 – Largo de Pinheiros/1900.  
(Acervo: Raul Goldschmidt)

Fonte - Disponível em: <<http://blog.submarino.com.br/sonar/post/batata-precisa-de-voce/>>  
Acesso em: 29 de novembro de 2016.



Figura 2 – Largo de Pinheiros/1980.

Fonte - Disponível em: <<https://diariodotransporte.com.br/2012/11/05/largo-da-batata-deve-ganhar-terminal-de-onibus-ate-dezembro/>> Acesso em: 29 de novembro de 2016.

9 A Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 11.732/1995) compreende 650 hectares e está situada na região sudoeste do município de São Paulo. Tem por objetivos principais reorganizar os fluxos de tráfego particular e coletivo ao implantar o prolongamento da avenida Faria Lima interligando-a às avenidas Pedroso de Moraes e Hélio Pelegrino até alcançar a avenida República do Líbano, além de construir terminal multimodal junto a estações da CPTM e Metrô. Também são objetivos importantes da Operação promover a reurbanização do Largo da Batata e urbanizar as favelas em seu perímetro, ou entorno imediato. Sua adequação ao Estatuto da Cidade resultou na Lei 13.769/04. Fonte: Disponível em: <Prefeitura de São Paulo –Operação Consorciada Faria Lima. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento\\_urbano/sp\\_urbanismo/operacoes\\_urbanas/faria\\_lima/index.php?p=19591](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=19591)>  
Acesso: 04 de novembro de 2014



Figura 3 – Largo de Pinheiros/2011

Fonte - Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=106249558>> Acesso em: 29 de novembro de 2016.



Figura 4 – Largo de Pinheiros/junho de 2013

Fonte - Disponível em: <[http://descurvo.blogspot.com.br/2013\\_06\\_01\\_archive.html](http://descurvo.blogspot.com.br/2013_06_01_archive.html)> Acesso em: 29 de novembro de 2016.



Figura 5 – Lgo de Pinheiros/2014. Mov. A Batata Precisa de Você

Fonte - Disponível em: <<http://blog.submarino.com.br/sonar/post/batata-precisa-de-voce/>> Acesso em: 07 de novembro de 2014.



Figura 6 – Largo de Pinheiros/2014 .

Fonte - Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/gentileza-urbana/indicacao/largo-da-batata-ganha-jardim-com-parque-em- apenas-24-horas/>> Acesso em: 08 de novembro de 2014.

Em 2013, a nudez do largo foi providencial para que os movimentos sociais pudessem exteriorizar a insatisfação em relação ao momento político vivido no Brasil. As manifestações invadiram muitas ruas de São Paulo e o Largo da Batata cumpriu a sua função de *Ágora*<sup>10</sup> ao dar espaço para a expressão política do habitante da cidade.

Pouco tempo depois, diante da passividade do poder público em exterminar a esterilidade do local, emerge o movimento A Batata Precisa de Você. Com o objetivo ativar o largo, o movimento começou por promover uma ocupação regular às sextas-feiras, no final da tarde, onde fosse possível refletir o que se pretendia para aquele espaço.

10 Se a rua, o traçado, são os lugares de circulação, a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquitecturas significativas..... A praça reúne a ênfase do desenho urbano como espaço colectivo de significação importante. Este é um dos seus atributos principais e que a distingue dos outros vazios da estrutura das cidades. (LAMAS,2010,p.102)

Nossos objetivos são fortalecer a relação afetiva da população local com o Largo da Batata; evidenciar o potencial de um espaço hoje tão árido como local de convivência; testar possibilidades de ocupação e reivindicar infraestrutura permanente que melhore a qualidade do Largo como espaço público. É um exercício de democracia em escala local. Um movimento de cidadania e concretização social e urbanística. Uma maneira que as pessoas têm de lutar, de maneira inteligente e positiva, por melhorias imediatas nas suas condições. A Batata Precisa de Você é um dos projetos do Instituto A Cidade Precisa de Você, sem fins lucrativos, é um coletivo de pessoas interessadas em promover a melhora e a ativação dos espaços públicos urbanos. Ao articular os vários atores de territórios da cidade – comunidade local, movimentos civis organizados, terceiro setor, empresas e poder público – promove a responsabilidade cívica sobre o uso, os cuidados e a gestão do espaço público. (<http://largodabatata.com.br/a-batata-precisa-de-voce/>)

A premissa de uma ocupação mínima, sem estruturas pré concebidas ou elaboradas, reside no interesse do coletivo em propor ações reflexivas, numa perspectiva *Jacobsiana*<sup>11</sup> de reunião, de encontro, de diversidade, a partir da qual, era suposto emergir um conteúdo transversal e direcionado à necessidade percebida.

O movimento, uma manifestação cidadã propositiva, se pauta por ser uma intervenção minimamente invasiva em termos de equipamentos ou acessórios. A ideia, segundo a organização, é ocupar o Largo com o que se tem à mão. O acessível torna-se o necessário e, exonera qualquer tipo de megaestruturas ou superproduções. (CASTANHEIRA, 2015, p. 36)

A ideia de uma intervenção diminuta, em termos de recursos materiais, tem como premissa projetual a gambiarra<sup>12</sup>, que embora em Portugal, de onde se deduz o vocábulo tenha a sua origem, seja um artefato com finalidades específicas, no Brasil, adquiriu um sentido bastante mais abrangente que configura, inclusive, uma “atitude de improvisação, criatividade, solução alternativa, conserto improvisado”, como refere Bouffleur (2006 p. 35)

O local, cuja resiliência foi colocada a prova, não só em virtude dos 11 anos que duraram as obras, mas, também, por ter descaracterizado por completo o espaço e ainda ter negado as expectativas do usuário, se vê agora tomado por tensões ante a inércia das instâncias governamentais e de sua conduta nula. Assim, dos projetos de gambiarra, a Batata Precisa de Você passou a mobilizar um contingente considerável, por meio das redes sociais, promovendo a formação de novas atividades que incluíram um concurso de mobiliário urbano (e a respectiva instalação do projeto no local) além de uma série de eventos que, em certo sentido, resgatam a cultura brasileira e paulistana, como bailes, festas juninas, entre outros, e, em sentido estrito, a convivência e a interação tendo a cidade por cenário.

---

11 Relativo aJane Jacobs.

12 A origem etimológica de gambiarra é descrita como duvidosa ou mesmo obscura, mas acredita-se que se relacione à palavra gâmbia, uma derivação do latim *camba* ou *gamba* (perna). Neste sentido, outro termo relacionado à mesma raiz é gambeta -procedimento manhoso, astucioso, pouco decente. Aparentemente, é próximo a este sentido que o termo gambiarra tem sido usado com mais frequência no Brasil. (BOUFLEUR, 2006,p.34)



Figura 7 – Largo de Pinheiros. A Batata Precisa de Você

Fonte - Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Z\\_elknSnGHo](https://www.youtube.com/watch?v=Z_elknSnGHo)> Acesso em: 01de dezembro de 2016.



Figura 8 – Largo de Pinheiros. A Batata Precisa de Você

Fonte Figura 8-Disponível em: <[https://www.google.com.br/?i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwigusCb8dvQA hUJipAKHbxaBGAQjhwIBQ&url=http%3A%2F%2Fwww.vitruvius.com.br%2Frevistas%2Fread%2Fminhacidade%2F14.166%2F5176&psig=AFQjCNFXW2zMJ\\_VNccjqcchoUCj4PamzA&ust=1480986466819959](https://www.google.com.br/?i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwigusCb8dvQA hUJipAKHbxaBGAQjhwIBQ&url=http%3A%2F%2Fwww.vitruvius.com.br%2Frevistas%2Fread%2Fminhacidade%2F14.166%2F5176&psig=AFQjCNFXW2zMJ_VNccjqcchoUCj4PamzA&ust=1480986466819959)> Acesso em: 01 de dezembro de 2016



Figura 9 –Festa Junina no Largo de Pinheiros

Fonte - Disponível em: <<http://misturaurbana.com/2014/10/a-batata-precisa-de-voce-a-ocupacao-regular-colaborativa-do-largo-da-batata/>> Acesso em: 01de dezembro de 2016.



Figura10 –Baile no Largo de Pinheiros.

Fonte- Disponível em: <<http://misturaurbana.com/2014/10/a-batata-precisa-de-voce-a-ocupacao-regular-colaborativa-do-largo-da-batata/>> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.





Figura 11 – Novo Mobiliário no Largo de Pinheiros

Fonte - Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/16.189/5978>> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.

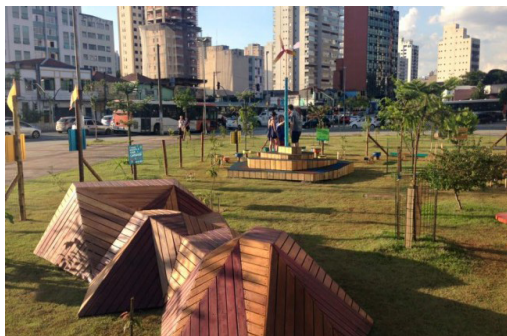


Figura 12 – Novo Mobiliário no Largo de Pinheiros.

Fonte- Disponível em: <<http://piu.org.br/portfolio-view/batatalab-concurso-de-mobiliario-urbano-para-o-largo-da-batata/>> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.

Não muito longe (a 4,2 km) do Largo da Batata, em Pinheiros, emerge uma outra micro ação de urbanismo tático na cidade, a Praça da Nascente, no bairro da Pompéia. De origem Praça Homero Silva, os 12 mil m<sup>2</sup> de área (que deveriam abrigar uma praça, ou de outra maneira não figuraria a descrição do equipamento urbano em seu nome) armazenavam lixo, mato e alguma violência, até que em 2013, três eventos deram origem ao Coletivo Ocupe & Abrace - Praça da Nascente: a realização de uma horta comunitária, o bloco de carnaval da Água Preta e um *crowdfunding*, intitulado a Pompéia Que se Quer (uma iniciativa de construção coletiva do plano de bairro da Pompéia que ante a especulação imobiliária vê a sua pacata constituição de pequenas moradias dar lugar a um monumental conjunto de torres de alto padrão com todos os problemas daí decorrentes em termos de infraestrutura urbana).

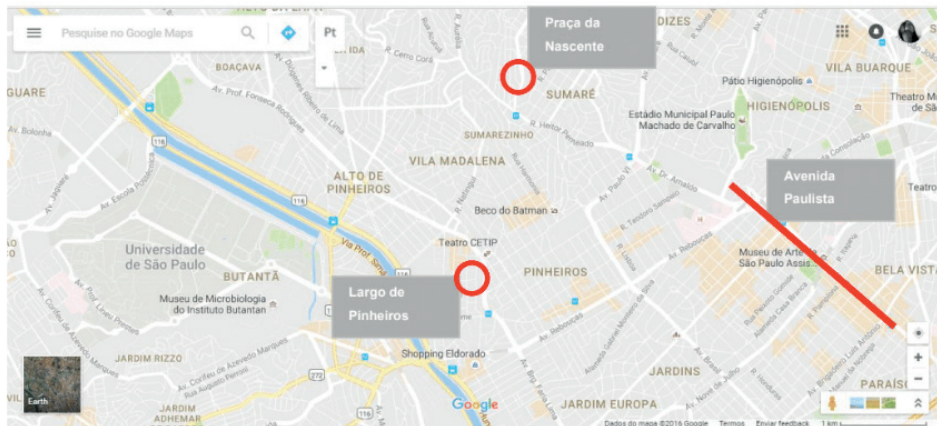


Figura 13 – Mapa com a localização do Largo de Pinheiros/Largo da Batata e Praça Homero Silva/Praça da Nascente

Fonte - Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-23.557449,-46.6955315,14z>> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.



Figura 14 – Praça Homero Silva/Praça da Nascente antes

Fonte - Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/fotos/recuperada-por-moradores-praca-da-nascente-vira-atracao-na-pompeia-19102014#/foto/11>> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.

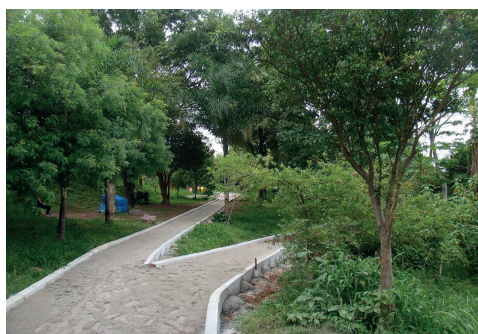


Figura 15 – Praça Homero Silva/Praça da Nascente depois da revitalização.

Fonte - Disponível em: <<https://queminova.catracalivre.com.br/inspira/moradores-fazem-praca-passar-de-acumulo-de-lixo-a-ponto-de-encontro>> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.

Tendo como objeto promover a convivência e a interação com a natureza, o coletivo entende ser fundamental o estabelecimento de uma ligação afetiva com o espaço urbano onde seja possível recriar o sentido de comunidade ao redor de um objetivo comum materializado em um espaço desfrutado por todos<sup>13</sup>. Para o efeito foi criado um mapa

<sup>13</sup> Fonte Ocupe & Abrace - Coletivo Praça da Nascente - Disponível em: <<http://www.ocupeeabrace.com.br/>> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.

afetivo onde os integrantes do coletivo e demais interessados na revitalização do espaço pudessem expressar a sua relação com o espaço e as intenções para o local (Figuras 16 e 17).

O local foi rebatizado de Praça da Nascente tendo em vista concentrar 8 nascentes do Rio Água Preta que deságuam no Rio Tietê, um dos mais importantes da cidade. O processo de resgate do espaço urbano foi feito por um mutirão de moradores que aderiram à iniciativa e que começaram por limpar a praça, criando espaços de convivência e lazer além de promover a preservação das nascentes e da biodiversidade. Depois de restaurada a vitalidade, o local tem sido ocupado por meio de intensa programação cultural que congrega adultos e crianças, mas, tem despertado também o interesse imobiliário. Já está em curso um projeto que contempla um conjunto de torres de alto padrão a ser construído próximo da Praça da Nascente, anteriormente degradada.

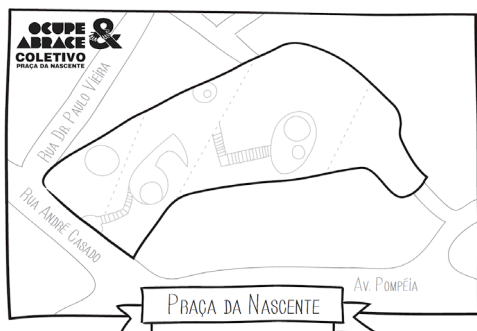


Figura 16 – Mapa Afetivo da Praça da Nascente

Fonte - Autoria do Desenho: Vitor Massao e Tatiana Antunes. Disponível em: <[http://www.ocupeeabrace.com.br/?page\\_id=156](http://www.ocupeeabrace.com.br/?page_id=156)> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.



Figura 17 – Mapa Afetivo da Praça da Nascente

Fonte - Autoria do Desenho: Vitor Massao e Tatiana Antunes. Disponível em: <[http://www.ocupeeabrace.com.br/?page\\_id=156](http://www.ocupeeabrace.com.br/?page_id=156)> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.





Figura 18 – Atividades na Praça da Nascente

Fonte - Disponível em: <[http://www.ocupeeabrace.com.br/?page\\_id=156](http://www.ocupeeabrace.com.br/?page_id=156)> Acesso em: 01 de dezembro de 2016



Figura 19 – Atividades na Praça da Nascente

Fonte- Disponível em: <[http://www.ocupeeabrace.com.br/?page\\_id=156](http://www.ocupeeabrace.com.br/?page_id=156)> Acesso em: 01 de dezembro de 2016.

## 21 CONCLUSÕES

Historicamente, a noção de apropriação urbana pressupõe um embate entre a propriedade adquirida e a propriedade tomada. Na atualidade, o termo apropriação, adquire um significado ampliado que contempla aquela iniciativa fruto de um comportamento emergente (*Bottom Up*), resultante que é de ações de micro planejamento urbano e de iniciativas colaborativas. “O âmbito da iniciativa é local, o desdobramento circunscrito e se concretiza como iniciativa espontânea, fruto de uma observação minuciosa e articulada” (Castanheira, 2015, p. 3). Ao reconhecimento da necessidade e/ou identificação da oportunidade a serem materializadas na cidade por meio de sua iniciativa, o habitante manifesta a sua cota parte de responsabilidade na construção da urbanidade.

Este reconhecimento e/ou identificação, realidade cotidiana na borda da cidade por questões que envolvem a omissão do poder público, tem se tornado uma prática crescente no centro da cidade de São Paulo percebida quase como uma firme resposta ao que Jacques (*apud* Rosa, 2013) denomina espetacularização da cidade. Esta necessidade da construção de uma urbanidade cada vez mais apartada da realidade paulistana cuja condição cosmopolita provém também, em grande medida, da diversidade que contempla (seja a do mundo ou do próprio Brasil) tem criado espaços de convivência cada vez mais assépticos e pro forma que negam à cidade a sua condição de centro de convivência por excelência.

O distanciamento da ideia de cidade como espaço de encontro, troca e diversidade transforma a realidade urbana, quase que, exclusivamente em espaço de transição: seja para o trabalho, para a escola, para o shopping center, entre tantos outros trajetos possíveis.

A construção desta metrópole polarizada provém, em grande parte, do modelo hegemônico de cidade-empresa e de mercantilização dos processos de projeto, produção,

ocupação e decisão no espaço (Santoro, 2014) que dizem de uma cidade cujo projeto urbano, enquanto instrumento de transformação do ambiente construído, tem resultados praticamente nulos (Bennati Alvim, Sguizzardi Abascal e Sayão de Moraes, 2001) preteridos que são face aos interesses imobiliários (Nobre, 2009).

A pró atividade urbanística de iniciativas como a dos coletivos A Batata Precisa de Você ou o Ocupe & Abrace - Praça da Nascente (e tantos outros surgidos na cidade de São Paulo) materializam a forma como a manifestação da permanente criatividade humana e a tática social podem reger a articulação e a concretização cidadã. Converge para a noção de uma identidade adicional, complementar, tida em Florida (2002), como construída a partir da pluralidade da localidade, do lugar, que para Augé (2012) contempla as noções de identidade, interação e história. Nesta identidade construída está um habitante urbano capaz de entender, não só o seu potencial articulatório edificador, mas, sobretudo, a parcela de efetividade que lhe cabe na construção da urbanidade desejada.

## REFERÊNCIAS

Arendt, H. (2000). *A Condição Humana*. (10rd ed). Rio de Janeiro, Brasil: Editora Forense Universitária.

Ascher, F. (2010) *Os Novos Princípios do Urbanismo*. (1st ed) São Paulo, Brasil: Editora Romano Guerra.

Augé, M. (2012) *Não Lugares – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. (9th ed). São Paulo, Brasil: Papyrus Editora.

Bouffleur, R. (2006) *A Questão da Gambiarra*. São Paulo, Brasil: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Benatti Alvim, A. A. T; Sguizzardi Abascal, E. H e Sayão de Moraes, L. G. (2011). *Projeto urbano e operação Urbana consorciada em São Paulo: limites, desafios e perspectivas*. São Paulo, Brasil: Cadernos Metrópole - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC - Pontifícia Universidade Católica. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/5988>> Acesso em: 14 out. 2016.

Castanheira, E. B. (2015) *Práticas Criativas & Territórios Emergentes. O Hibridismo do/nos Elevados*. São Paulo, Brasil: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Certeau, M. A. (1998). *Invenção do Cotidiano*. (3rd ed). Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.

Dhein, C. F. A. (2013). *A Noção de Projeto Fundamental em Sartre e os (des)caminhos da Clínica Psicológica*. Rio de Janeiro, Brasil: IFEN Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

Harvey, D. (2012). *A Condição Pós-Moderna*. (23rd ed). São Paulo, Brasil: Editora Loyola.

Jacobs, J. (2013). *Morte e Vida das Grandes Cidades*. (3rd ed). São Paulo, Brasil: Editora WMF Martins Fontes.

Koolhaas, R. (2010). *Três Textos sobre a Cidade*. (1st ed). Barcelona, Espanha: Editora Gustavo Gili.

Lamas, J. M. R. G. (2010) *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. (12nd ed) Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lefebvre, H. (2001). *O Direito à Cidade*. (1st ed). São Paulo, Brasil: Editora Centauro.

Leite, C. (2012). *Cidades Sustentáveis. Cidades Inteligentes*. (1st ed). Porto Alegre, Brasil: Editora Bookman.

Lynch, K. (2011). *A Imagem da Cidade*. (3rd ed). São Paulo, Brasil: Editora WMF Martins Fontes.

Nobre, E. A. C. (2009). *Políticas urbanas para o centro de São Paulo: renovação ou reabilitação? avaliação das propostas da prefeitura do município de São Paulo de 1970 a 2004*. São Paulo< Brasil: Revista USP - Universidade de São Paulo. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/politicas\_centros.pdf> Acesso em: 29 out. 2016.

Rosa, M. L. Micro. (2011). *Planejamento - Práticas Urbanas Criativas*. (1st ed). São Paulo, Brasil: Editora Cultura.

Santoró, P. (2014). *As (im)possibilidades de se produzir habitação social na ouc Água Branca*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil: Disponível em: <https://observasp.wordpress.com/2016/06/16/as-impossibilidades-de-se-produzir-habitacao-social-na-ouc-agua-branca/> Acesso em: 29 out. 2016

Sartre, J. P. (1967). *Questão de Método*. (1st ed). Brasil, São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Sobarzo, O. (2006). *A Produção do Espaço Público: da Dominação à Apropriação*. São Paulo, Brasil: GEOUSP - Espaço e Tempo (Nº 19, pp. 93 - 111). Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/73992-99508-1-PB.pdf> Acesso em: 29 out. 2016.

Somekh, N. (2008). *Projetos Urbanos e Estatuto da Cidade: Limites e Possibilidades*. São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.097/131> Acesso em: 29 out. 2016.

Wambier, J. F. (2003). *A Liberdade em Sartre: Unidade entre Projeto e Engajamento*. São Paulo, Brasil: Emancipação. Disponível em: < <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/38/35>> Acesso em: 14 out. 2016.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Avaliação pós-ocupação 145, 146, 147, 149

### B

Biblioteca 7, 145, 146, 147, 148, 149

### C

Co-design 150, 151, 155

Competências de Projeto 150

Complexo Portuário 57, 60, 61, 62, 63, 66

### D

Design de interiores 10, 11, 15, 16

Design Estratégico 150

Design Thinking 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158

### E

Ecletismo historicista 69

Educação Patrimonial 6, 34, 35, 36, 37, 41, 42

Estudantes negros 178, 179, 181, 183, 187, 189

### F

Festa 6, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 106

Formalismo 160, 162

Fragmentação 66, 68, 94, 160, 161

Funcionalidade Arquitetônica 7, 133, 134, 136, 138, 139, 140, 141, 143

### G

Goiânia 7, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

### H

Habitação Reduzida 133

Habitação social 72, 73, 77, 112

### I

Iniciativas Bottom Up 94

Inovação Não Tecnológica 94

Inovação Social 94, 151

Interpretação Arquitetônica 6, 69

## **M**

Macapá 72, 75, 76, 77, 78

Mapas Conceituais 5, 6, 1, 2, 3, 8, 9

Maranhão 34, 35, 36, 38, 41, 42

MCMV 7, 72, 77

Mirante da Balaiada 34

Mobilidade Urbana 5, 7, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulheres na Arquitetura e Urbanismo 179

Museu Dom Diogo de Souza 6, 69, 70, 71

## **N**

Negros na Arquitetura e Urbanismo 179

Neurociência 5, 6, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 23, 25, 29, 30, 32

Neuroeducação 10, 15, 16, 22

## **P**

Patrimônio 5, 6, 23, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 55, 69, 121, 172

Plano Diretor 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 102, 144

Política pública 72

Porto do Açu 57, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68

Potencial Econômico 57, 59, 66

Práticas Criativas 94, 111

Projeto Participativo 8, 150, 155, 156

Projetos arquitetônicos 1, 2, 75, 128, 192

## **R**

Redes Técnicas 113, 120, 121, 123, 125

Revolta da Balaiada 34, 41

## **S**

Serviços Ambientais Urbanos 113, 120, 123

Sustentabilidade 5, 7, 75, 87, 88, 89, 90, 91, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 160, 166

## **T**

Territorialidades 113, 122

Tradição 22, 43, 44, 47, 48, 49, 53, 54, 55, 75, 160, 161, 168, 171

## **U**

Urbanismo Tático 94, 96, 107

Urbanização 5, 7, 72, 73, 74, 78, 80, 85, 116, 117

## **V**

Vernacular 127, 128, 130, 132

# DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS:

## ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021



# DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS:

## ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021